



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS III**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**CURSO DE LETRAS**

**ROSALVA DO NASCIMENTO GOMES**

**“MEU SONHO”: DO REAL AO IDEAL PELA ÓTICA DE ANTÔNIO FRANCISCO**

**GUARABIRA/PB**  
**2018**

**ROSALVA DO NASCIMENTO GOMES**

**“MEU SONHO”: DO REAL AO IDEAL PELA ÓTICA DE ANTÔNIO FRANCISCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Suely da Costa.

**GUARABIRA/PB**

**2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633m Gomes, Rosalva do Nascimento.  
"Meu sonho" [manuscrito] : do real ao ideal pela ótica de António Francisco / Rosalva do Nascimento Gomes. - 2018.  
31 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.  
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Literatura de Cordel. 2. Ecocrítica. 3. António Francisco.  
I. Título  
21. ed. CDD 028.5

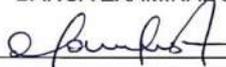
ROSALVA DO NASCIMENTO GOMES

"MEU SONHO": DO REAL AO IDEAL PELA ÓTICA DE ANTÔNIO FRANCISCO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Departamento de Letras da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovada em: 30/11/2018.

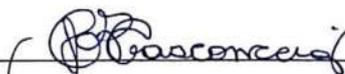
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Maria Suely da Costa  
(Presidente - UEPB)



Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra  
(1ª Examinadora - UEPB)



Profa. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos  
(2ª Examinadora - UEPB)

GUARABIRA/PB

2018

Aos meus pais, Rosa Nascimento e Pedro  
Gomes, pelo amor incondicional, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida.

À minha mãe, Rosa Nascimento, e ao meu pai, Pedro Gomes, por todo o incentivo que nunca me faltou.

Aos meus irmãos, Pedro Filho, Rosana Gomes, Rosineide Gomes e Rosália Gomes pelo companheirismo.

Ao meu querido noivo, meu amor, Augusto Vieira, o meu eterno agradecimento pela presença e motivação constantes.

Aos meus avós maternos, Helena Maria e Antônio Cândido, *in memoriam*, por todos os momentos de alegrias que vivenciamos.

À minha querida orientadora, Maria Suely da Costa, pela orientação, pela calma, por todo suporte necessário para a preparação deste artigo. Sempre prestativa, dedicada e atenciosa comigo. O meu muito obrigada.

Aos meus professores do Curso de Letras. Em especial, Aldinida Medeiros, Maria Neni, Rosilda Alves, Iara Ferreira, Rosângela Neres, Eduardo Valones, Rafael Braz, Francinete Fernandes, Andréa Morais, Eneida Dornelles, Edilma Lucena e Fátima Aquino, por todo o aprendizado durante esses 4 anos.

Agradeço a todos os meus familiares e amigos.

Aos meus amigos e colegas de turma pela amizade durante o meu período acadêmico.

A todos que compõem o Departamento de Letras do Campus III da Universidade Estadual da Paraíba.

A literatura antecipa sempre a vida. Não a  
Copia, molda-a aos seus desígnios.  
(Oscar Wilde)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2. LITERATURA POPULAR DE CORDEL: breve contextualização.....</b>	<b>08</b>
<b>2.1 O poeta Antônio Francisco.....</b>	<b>10</b>
<b>3. A ECOCRÍTICA E LITERATURA.....</b>	<b>11</b>
<b>4. “MEU SONHO”: DO REAL AO IDEAL PELA ÓTICA DE ANTÔNIO FRANCISCO.....</b>	<b>13</b>
<b>4.1 A Simbologia do Real em “Meu Sonho” .....</b>	<b>14</b>
<b>4.2 A Simbologia do Ideal em “Meu Sonho” .....</b>	<b>15</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>23</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>25</b>

## “MEU SONHO”: DO REAL AO IDEAL PELA ÓTICA DE ANTÔNIO FRANCISCO

Rosalva do Nascimento Gomes<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho traz uma leitura do poema “Meu Sonho”, do cordelista potiguar Antônio Francisco, traçando paralelos entre poesia e crítica nas e representações do real e do ideal presentes no poema. Dessa leitura comparativa, busca-se compreender a função poético-crítica e suas implicações no corpo do texto. Tendo por embasamento os pressupostos da Ecocrítica, a análise qualitativa do conteúdo enfatiza o fato de que a camada imaginária dá acesso a camadas mais profundas da obra em sua condição de linguagem, por meio das quais se revela um contexto de valores morais, políticos e sociais. A fundamentação teórica tem por apoio os estudos de Garrard (2006), Candido (1972), Diegues Júnior (1975), Fonseca(1995), Costa (2004), Edgar Morin (2007), dentre outros. Em síntese, verifica-se a importância das reflexões levantadas no poema, no paralelo entre o real e o ideal, para que se revitalizem condutas humanas solidárias no sentido de um direcionamento protecionista em relação ao meio ambiente. Assim, a Literatura pontua sua condição também educativa, possibilitando verificar nossa relação conosco mesmo, com os outros humanos, com os outros seres que habitam a biosfera e, mais que isso, nosso próprio lugar no universo.

**Palavras-Chaves:** Literatura de Cordel. Ecocrítica. Antônio Francisco.

### 1. INTRODUÇÃO

O conteúdo que será abordado nas páginas que se seguirão neste texto tem por objetivo fazer uma leitura do poema “Meu Sonho”, publicado na coletânea de cordéis intitulada *Dez cordéis num cordel só*, livro lançado em 2005. O interesse aqui é analisar este poema isoladamente, observando sua estrutura e tema. Sobre o livro como um todo importa saber que, em seu conjunto, retém uma predominância de temas narrativos, ligados a uma contação de história, geralmente mágica, a respeito de poderes e maravilhas que acometem o dia a dia das pessoas.

Contudo, o poema “Meu Sonho”, por sua vez, parece não fugir ao interesse geral da obra. Em um sonho, o eu se pronuncia, contando certas peripécias experimentadas enquanto repousava, logo após ter ido dormir um pouco “descontente” por ter lido notícias

---

<sup>1</sup> Licencianda em Letras, Campus III, no Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba (CH/UEPB). E-mail: rosalva.n.g@hotmail.com

em jornais e daí ter se entristecido pelo que vê no mundo.

O cordel em questão apresenta um tema que aponta para uma reflexão contemporânea da capacidade humana de sonhar e acreditar em um mundo melhor, em que a ecologia, o desenvolvimento sustentável e a igualdade de trabalho são marcas reconhecidas e pertinente em nossa realidade.

Assim, o interesse por esse recorte temático está em verificar como uma problemática do mundo real é motivo literário em um texto cujo manejo com a linguagem se torna de acessível compreensão, como é a linguagem de cordel. Assim, também, pela possibilidade de analisar e compreender o que está posto na condição do real (mediante o que se apresenta) e o ideal (enquanto utopia de desejos revolucionários), conforme aqui denominados.

Em função disso, antes da leitura do poema em si, encaminharemos uma breve discussão sobre Literatura Popular de Cordel, o poeta Antônio Francisco e o viés da Ecocrítica como pressuposto de análise crítica que discute a respeito da interação entre o homem e o ambiente. Nesse sentido, constituem a base de fundamentação teórica para este trabalho autores como: Cândido (1972), Costa (2004), Diegues Júnior (1975), Edgar Morin (2007), Garrard (2006), Idelette Muzart Fonseca Santos(1995), Francisco Neto Pinto e Hilda Gomes Dutra Magalhães.

Este trabalho usará de uma metodologia de análise da linguagem literária, portanto, o método utilizado foi a análise qualitativa da matéria, considerando forma e conteúdo, enfatizando o fato de que a camada imaginária dá acesso a camadas mais profundas da obra em sua condição de linguagem, por meio das quais se revela um contexto de valores morais, político-sociais, em suma, uma interpretação da vida humana.

Para dar sustentação à questão proposta neste estudo e para que se efetive a sua intenção, trataremos da Literatura como produção humana, que está ligada à vida social, que sofre modificações históricas e podemos assimilar através das suas relações dialógicas com o contexto de produção. Para assim compreender, segundo (CANDIDO, 1972) como a literatura atua enquanto arte que transforma/ humaniza o homem e a sociedade.

## **2. LITERATURA POPULAR DE CORDEL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO**

A Literatura é um elemento da Arte, mas também é um conjunto que traz consigo dois grandes segmentos: a Literatura Erudita e a Literatura Popular. A Literatura Erudita carrega consigo uma sofisticação particular, polidez, um notório refinamento; já a Literatura Popular é marcada pela espontaneidade, pelo seu improvisado, pelo seu grau de

informalidade, entre outros atributos. É neste segmento, o Popular, que o Cordel habita.

Quando se fala em cordel, refere-se, em especial, à poesia popular impressa. E os folhetos são, tradicionalmente, os suportes que estabelecem a materialidade dessa poesia. A expressão “literatura de cordel” é uma invenção ibérica, denominada assim pelo fato de os folhetos, em Portugal, serem presos por um pequeno cordel ou barbante (DIEGUES JUNIOR, 1975).

A Literatura Popular de Cordel pode ser entendida como uma arte que faz uso da palavra como sua substância principal, produzida e voltada para camadas populares e que utiliza assuntos cotidianos e acessórios, como a xilogravura, que lhe dão características próprias. Como integrante do gênero literário popular, manifesta-se escrita e oralmente, trazendo à baila assuntos cotidianos e tradições regionais, com histórias e lendas protagonizadas principalmente pela referência a cangaceiros, entre outros temas.

Na Europa, o cordel começou a aparecer no século XII em países como França, Espanha, Itália, popularizando-se com o Renascimento. No Brasil, registra-se o aparecimento dos primeiros folhetos de cordel a partir da segunda metade do século XIX. O mais antigo folheto com data que se tem notícia é *A vida de Antônio Silvino*, de 1904, escrito por Francisco das Chagas Batista e impresso em Recife, na Imprensa Industrial.

Segundo Idelette Muzart-Fonseca dos Santos (1995, p.33-34), o primeiro intelectual brasileiro a utilizar a expressão “literatura de cordel” foi Sílvio Romero, em seu livro *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*, de 1888, a partir da “evidência do exemplo português, ao qual seu mestre Teófilo Braga havia consagrado diversos estudos”.

Um dos poetas da literatura de cordel que fez mais sucesso até hoje foi Leandro Gomes de Barros (1865-1918). Acredita-se que ele tenha escrito mais de mil folhetos. Dentre os mais recentes, podemos citar os poetas José Alves Sobrinho, Homero do Rego Barros, Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva), Téo Azevedo, Zé Melancia, Zé Vicente, José Pacheco da Rosa, Gonçalo Ferreira da Silva, Chico Traíra, João de Cristo Rei e Ignácio da Catingueira.

De tom humorístico, muitos desses textos de cordel retratam fatos da vida cotidiana da cidade ou da região. Os principais assuntos retratados nos livretos são: festas, política, secas, disputas, brigas, milagres, vida do cangaço nordestino, atos de heroísmo, milagres, morte de personalidades etc. Sua principal função social é de informar, ao mesmo tempo em que divertem os leitores.

Por ser da tradição da oralidade, o cordel é muitas vezes estudado como gênero menor, folclore e expressão de um povo, constituído por pessoas pobres e moradoras de regiões periféricas que cantam e escrevem suas alegrias e agruras por meio do folheto de cordel.

Contudo, apesar desse preconceito teórico, o cordel, conhecido majoritariamente na versão de folhetos feitos em tipografias em papel jornal, vem sendo publicado de novas formas, inaugurando outra realidade de produção e divulgação. Em páginas de livros, são crescentes os projetos editoriais que se destinam à publicação dessa poética. É o caso, por exemplo, do poema de cordel em estudo publicado em uma coletânea.

O transporte do cordel dos folhetos para os livros, como acontece com os poemas de Antônio Francisco, pode ser identificado como uma tentativa de introdução do cordel no mercado editorial brasileiro, permitindo maior acesso aos leitores e aos estudos acadêmicos, possibilitando, assim, um apoderamento dos poetas uma vez que a diversidade de leituras tendem a legitimar o texto.

## 2.1. O poeta Antônio Francisco

O poeta cordelista Antônio Francisco Teixeira de Melo, xilógrafo e compositor, nasceu em 21 de Outubro de 1949, em Mossoró, estado do Rio Grande do Norte. Filho de Francisco Petrolino de Melo e Pêdra Teixeira de Melo, Antônio Francisco graduou-se em História pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Começou a se dedicar à carreira literária aos 46 anos. Atualmente, tem vários folhetos de cordéis publicados que recheiam os seus livros voltados para a Literatura Popular.<sup>2</sup>

Em 15 de Maio de 2006, foi empossado na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), ocupando a cadeira número 15, cujo patrono era o cearense Antônio Gonçalves da Silva, que marcou o seu nome na História como Patativa do Assaré<sup>3</sup>.

Alguns títulos de cordéis publicados por Antônio Francisco são “Meu Sonho”, “Aquela Dose de Amor”, “Os Animais Tem Razão (Os Sete Constituintes)”, “O Guarda Chuva de Prata”, “As Seis Moedas de Ouro”, “A Oitava Maravilha do Mundo”, “A Arca de Noé”, “O Feiticeiro do Sal”, “Do Outro Lado do Véu”, “A Cidade dos Cegos (História do Pescador)”.<sup>4</sup>

Diante da sua produção variada já publicada, é possível verificar que o poeta potiguar, enquanto um leitor da história, ao retratar a sua experiência, falando da sua terra, da sua gente e de si mesmo, acaba assim por remeter a uma coletividade, num jogo de linguagem que transita entre o real e a invenção, entre a história e sonho.

---

<sup>2</sup> MEMÓRIAS DA POESIA POPULAR. **Poeta Antônio Francisco Teixeira de Melo**. Disponível em: <<https://memoriasdapoesiapopular.com.br/tag/antonio-francisco-teixeira-de-melo/>>. Acesso em: 15 de Setembro de 2018.

<sup>3</sup> O MOSSOROENSE. **Antônio Francisco diz ser imortalizado mais uma vez**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/omossoroense/280506/conteudo/cotidiano1.htm>> Acesso em: 15 de Setembro de 2018.

<sup>4</sup> MELO, Antônio Francisco Teixeira. **Dez Cordéis Num Cordel Só**. Natal. Queima Bucha. 2006.

Sobre o poeta, Costa (2004), no *Dicionário de poetas cordelistas do Rio Grande do Norte*, afirma que “não se discute sua monumental competência poética na nova geração da Literatura de Cordel potiguar e cita estudiosos e críticos, como Celso da Silveira, Cid Augusto, Crispiniano Neto, Luiz Antônio, Rubens Coelho, Clotilde Tavares, Caio César Muniz, Geraldo Maia, Marcos Ferreira e Kyldelmir Dantas”<sup>5</sup>.

Sua produção literária em poesia fora reunida em duas antologias: *Dez Cordéis num Cordel Só*, na qual se insere o poema objeto de estudo neste trabalho, e *Por Motivos de Versos*, nesta apresenta um nordestino agradecido pela sua origem, com histórias que remetem à terra natal.

### 3. A ECOCRÍTICA E A LITERATURA

A relação do homem com o meio ambiente, bem como com seu semelhante e consigo mesmo, em todas as suas dimensões e níveis, ou seja, o habitar a terra de modo contextualizado como assim também a contextualização da terra no universo, constitui o que Edgar Morin (2007) chama de condição humana. É precisamente neste contexto que a literatura pode contribuir, pois, segundo Morin (2007, p. 43) a literatura “nos leva diretamente ao caráter mais original da condição humana”. Para Morin, a poesia nos leva

à dimensão poética da existência. Revela que habitamos a Terra, não só prosaicamente – sujeitos à utilidade e à funcionalidade –, mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível (MORIN, 2007, p. 45).

Desse modo, a Literatura guarda um lugar também importante na educação nos tempos atuais, pois, assim como as outras artes o fazem, cada uma à sua maneira, a Literatura nos coloca em contato com a condição humana: nossa relação conosco mesmo, com os outros humanos, com os outros seres que habitam a biosfera e, mais do que isso, nosso próprio lugar no universo. Esse viés literário é de interesse dos estudos ecocríticos.

A Ecocrítica pode ser entendida objetivamente como o “estudo da relação entre a Literatura e o meio ambiente”, como bem designa Harold Fromm e Cheryl Glotfelty (*apud* PINTO; MAGALHÃES, 2013).<sup>6</sup> Um conceito mais amplo sobre Ecocrítica é o de Scott Slovic, que a enxerga como “o estudo de textos explicitamente ambientais por meio de

<sup>5</sup> Trecho retirado do site <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/11/25/poeta-antonio-francisco-teixeira-de-melo-sintese-biografica/>. Acesso em 14/11/2018.

<sup>6</sup> PINTO, Francisco Neto Pereira; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **Contribuição da Ecocrítica ao Ensino de Literatura**. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/808/832>>. Acesso em: 20 de Setembro de 2018. p.40

qualquer abordagem acadêmica ou, inversamente, o escrutínio das implicações ecológicas e das relações homem/natureza em qualquer texto literário (*apud* PINTO e MAGALHÃES, 2013).<sup>7</sup> Em suma, nota-se que a Ecocrítica traz em torno de si a interrelação entre a Literatura e a Natureza, o meio físico, a concretude do que cerca as inspirações literárias.

O conceito de Ecocrítica (do inglês “ecocriticism”) emergiu no final da década de 1970 nos Estados Unidos. Apesar de englobar ideias antigas, foi somente nos 30 anos finais do Século XX que o termo passou a ser construído. Partindo de William Rueckert, que concebeu o seu significado, a Ecocrítica foi ganhando substância com o passar dos anos: na década de 1980, teve duas coletâneas organizadas sob seu norteamto; na década de 1990, ganhou espaço em importantes academias do mundo, como a Universidade de Nevada, nos Estados Unidos; e, em 1992, teve o seu momento de construção mais importante, com a criação da “Association for the Study of Literature and Environment – ASLE”, também nos Estados Unidos<sup>8</sup>.

Embora tenha surgida nos Estados Unidos, a Ecocrítica, hoje já observada sob a ótica de escola literária, expandiu-se pelo mundo. Países como Japão e Inglaterra já possuem filiais da “ASLE”, a principal força motriz dessa corrente do pensamento crítico-literário. Em apenas cinco anos, entre 1994 e 1999, ainda durante o processo de construção do supramencionado conceito, mais de 200 livros foram objetos de resenhas pelo campo do pensamento ecocrítico.<sup>9</sup>

Apesar da expansão no plano internacional, os preceitos observados pela Ecocrítica (GARRARD, 2006) ainda tem sua exposição de modo muito tímido no Brasil. De fato, conforme observa Maria do Socorro Pereira Almeida (2008, p. 127), “a ecocrítica ainda não é conhecida nacionalmente”. Ainda assim, é possível verificar, na linguagem poética de Antônio Francisco, esse viés da relação Literatura e Meio Ambiente.

A Ecocrítica pode contribuir para conferir uma leitura com um maior rigor à abordagem do literário, uma vez que os estudos ambientais da atualidade nos ensinam que não há abordagens certas ou erradas, ultrapassadas ou não ultrapassadas, e, assim, visualizar o texto literário enquanto possibilidades na construção de sentidos.

Quanto à poesia de cordel em questão, conforme já dito, pelo fato de ter lido notícias em jornais e daí ter se entristecido pelo que viu no mundo, o eu-lírico, do poema de Antônio Francisco, aponta para uma reflexão contemporânea da capacidade humana de sonhar e acreditar em um mundo melhor, em que a ecologia, o desenvolvimento sustentável

---

<sup>7</sup> PINTO, Francisco Neto Pereira; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **Contribuição da Ecocrítica ao Ensino de Literatura**. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/808/832>>. Acesso em: 20 de Setembro de 2018. p.40

<sup>8</sup> Idem, p. 39

<sup>9</sup> Idem, p.39

e a igualdade de trabalho são marcas reconhecidas e pertinentes à nossa realidade.

#### 4. “MEU SONHO”: DO REAL AO IDEAL PELA ÓTICA DE ANTÔNIO FRANCISCO

“Meu Sonho” é o primeiro poema escrito individualmente por Antônio Francisco depois foi inserido no livro *Dez Cordéis Num Cordel Só*. É composto por 37 estrofes em rimas alternadas, elaborado em sextilhas e sendo concluído com uma estrofe septilha. O poema faz alusão a um sonho por meio do qual transmite uma mensagem moral e social para a sociedade, ao tratar da problemática do homem em relação à natureza e do seu comportamento perante seus pares. É uma poesia construída sob constantes metáforas, traçando paralelos entre o real e o ideal.

Quanto à forma conceitual dos termos real e ideal, Arthur Schopenhauer verifica que

O principal esforço dos filósofos pelos dois últimos séculos tem sido delinear de modo claro o ideal – em outras palavras, o que pertence ao nosso conhecimento e tão-somente – e o real – isto é, aquilo que existe independentemente de nosso conhecimento –, e, deste modo, determinar a relação existente entre ambas as partes<sup>10</sup>.

Desse modo, o real refere-se a aquilo que está posto, o fato existente, como o próprio termo indica, apresenta-se como ser. O real pode ser sentido num toque, com o cheiro, com o paladar, pode ser percebido pelo simples fato de olhar, olhar o que está posto, olhar o que existe. O real se manifesta com a ação de cada indivíduo; e o volume dessas ações fornece substâncias para que o observador emita juízo de valor sobre o que ele está observando, seja aprovando, seja fazendo críticas para que se corrijam falhas no contexto que o envolve, fazendo emergir o sonho, o ideal.

Este ideal, por sua vez, invoca uma utopia, uma vontade de mudar o que está posto. O sonho habita basicamente o campo do pensamento. Enquanto o real é o que existe no presente; o sonho idealizado, descontente com esse presente, projeta um futuro no qual as falhas verificadas no real possam ser corrigidas. Assim, o cordel “Meu Sonho” é preponderantemente um dever/ser, uma reunião de motivações para mudar a realidade que o autor, em seu juízo de valor, julga não ser a melhor.

##### 4.1 A simbologia do real em “Meu Sonho”

A simbologia do real praticamente se restringe a duas estrofes no poema “Meu

<sup>10</sup> Trecho retirado do texto “Esboço de uma história da doutrina do ideal e do real” de Arthur Schopenhauer. Fonte: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/01/Esbo%C3%A7o-de-uma-Hist%C3%B3ria-da-Doutrina-do-Ideal-e-do-Real.pdf>. Acesso em 14 de novembro de 2018.

Sonho”: na primeira e última. Na estrofe de introdução, em que o contexto real predomina, o eu-lírico aponta a razão pela qual o texto caminhará de modo contundente em busca de revelar outro ideal, em função de uma realidade melhor. Vejamos:

Cansado de ler jornais,  
Fui me deitar descontente.  
Pensando em tudo que li  
Adormeci lentamente  
E sonhei que eu acordava  
Num planeta diferente.

O eu-lírico, ao se deparar com a realidade exposta nas notícias do jornal que lera, reflete sobre os ocorridos e, cansado dessa realidade, dorme descontente por ter lido notícias em jornais, se entristecendo pelo que vê no mundo.

.Durante o sono, ele vive um sonho que vem a confortá-lo com a projeção de um mundo evoluído, com ações que, perante o seu modo de enxergar condutas, seja entre pessoas em si, seja entre pessoas e a natureza, parecem-lhe mais dignificantes.

Esse sentimento que o poema de Antônio Francisco revela não é raro. As pessoas, conforme as suas idiossincrasias, percebem falhas na realidade postas, no Ser, e desejam corrigi-las. É um sentimento comum nos ambientalistas, nos ativistas dos direitos humanos, nos movimentos pacifistas, em todo aquele que luta por uma causa.

Já na estrofe de conclusão, após permear todo um percurso com suas utopias que residem num sonho, o eu-lírico acorda. Ao acordar, choca a sua projeção de mundo melhor com a realidade em vigor, que é degenerada, segundo o seu modo de enxergá-la. A partir desse choque, ele decide aproximar a realidade posta daquilo que ele viveu no seu sonho, eclodindo daí um ideal: “a realidade deve ser assim e não como é”. Vejamos os versos da estrofe 37, de fechamento do poema:

Acordei para chorar  
Debruçado no meio  
Daquele sonho pra cá,  
Nunca mais dormi direito.  
Ora tentando esquecer,  
Ora pensando em fazer.  
O mundo daquele jeito.

A experiência onírica não só representou a experimentação de uma ideal a ser desejado como também, diante do choque com real, alimentou um sonho a ser conquistado.

Vejamos no ponto a seguir o que de fato experimentara o eu-lírico em sonho.

#### 4.2 A simbologia do ideal em “Meu Sonho”

A simbologia do ideal se faz pelo sonho do eu-lírico. Numa atitude romântica por excelência, é buscando dormir que o eu-lírico dos versos de “Meu Sonho” decide responder à realidade. Assim, na evasão do espírito encontra uma forma de escapar ao aparente caos em que se tornou a vida. Verifica-se, de imediato, a crítica aos tempos modernos, ao *status quo* preponderante.

A simbologia do ideal proposto na imagética do sonho acaba por pautar ideias propostas pela Ecocrítica, ao reunir características cujo norte é a preservação tanto da flora como da fauna. É o que se depreende da análise das estrofes sétima e oitava, de antemão, focando, nelas, a questão da flora. Vejamos:

Depois eu parei pra ver,  
 Perto de uma pedreira,  
 Quatro homens construindo  
 De pedra uma cadeira...  
 Eu perguntei a um deles:  
 -Por que não faz de madeira?

Disse: - “Não temos coragem  
 De cortar uma árvore bela.  
 Pra fazer uma cadeira  
 Somente pra sentar nela.  
 Achamos melhor ficarmos  
 Sentados na sombra dela.”

As estrofes supracitadas reiteram um fragmento do sonho narrado. Trata-se de um breve diálogo. Nesse diálogo, que surge no decorrer da sua caminhada pela Estrada da Liberdade, o sujeito-lírico pergunta a um dos quatro homens que encontra em uma pedreira construindo uma cadeira com pedra, o porquê de não fazê-la com madeira. A resposta do habitante local é típica de um preservador da natureza, é típica do viés defendido pela ecocrítica de relação de respeito ao meio ambiente. São palavras precisas de quem busca o bem estar de uma forma consciente. Para uma época em que se cogita prejudicar demasiadamente a natureza, devido ao caráter predatório de determinadas políticas ruralistas, o poema tende a chamar a atenção do leitor para uma reflexão no mínimo de alerta.

Já a questão da fauna é colocada em evidência nas estrofes 27 e 28 do Poema:

Respondeu:- “Não temos jaula  
Nem gaiolas na cidade.  
Aqui animais e pássaros  
Convivem com liberdade,  
Para nós é mais barato  
Criá-los fora da grade”.

Eu disse:- No meu planeta,  
Se um pássaro cantar bem,  
Vai morrer por trás das grades  
Sem ter matado ninguém  
E cantar pra seus algozes  
A troco d’água e xerém.

Nessas duas estrofes, na continuação de outro diálogo, o eu-lírico frisa uma crítica acerca de um costume antigo que é o de prender aves em gaiolas. O cuidado com a proteção da fauna também é marca da Ecocrítica. A ênfase sobre o Direito dos Animais é um pressuposto essencial. Entre esses pressupostos destaca-se o fato de que todos os animais, não humanos, seja silvestre ou doméstico, têm direito à vida. Se um animal é capaz de sentir dor isso significa que não há diferença entre eles e o humano. Eles merecem respeito, não podendo ser abandonado, machucado, ser preso e vendido como mercadoria.

A crítica do eu-lírico aos usos predatórios seguem no texto, a exemplo das estrofes 31 e 32:

Lá, a gente mata um alce,  
Tira as vísceras do coitado,  
Depois enche ele de pano,  
Deixa o alce empalhado  
Para mostrar no futuro  
O que tínhamos no passado.

Infeliz do jacaré  
Que o bicho homem vê ele  
Porque, além de matá-lo  
E comer a carne dele,  
Faz um sapato de couro  
Pra ficar pisando nele.[...]

A incorporação no poema de um ideal Ecocrítico acaba por contribuir para a criação de uma nova ética, tomando por base a perspectiva dos seres mortos maltratados, comercializados, pertencentes tanto à fauna, quanto à flora, incluindo rios e seus habitantes, enfim, tudo que possui vida não humana da qual dependemos.

Com efeito, no poema, o paralelo entre o real que se apresenta e o Ideal que se sugere tem como fim corrigir falhas graves na relação construída entre o homem e o meio ambiente. Neste caso, a linguagem literária, vestida de um viés político, visa estabelecer e evidenciar uma relação intrínseca entre os sujeitos e as representações do meio-ambiente e seus problemas.

Em função disso, verifica-se uma predominância do Cordel, sobretudo, no Ideal, fazendo uso desde aclamações simples, como gestos de gentilezas, a utopias, na sua mais rígida semântica, como imaginações que mesclam espécies de eras pretéritas e que não habitam mais o tempo presente:

Era um planeta coberto  
De plantas de todas as cores,  
As lagoas orquestradas  
Por marrecos cantadores  
E as abelhas bailando  
Por entre as pétalas das flores.

Búfalos, zebras, elefantes,  
Ali bem perto pastando...  
Alces, gazelas, girafas,  
Pela relva saltitando  
E na linha do horizonte  
Os dinossauros passando.

Como se vê nas duas estrofes acima, o sujeito-lírico aproxima eras e espécies com maestria, porém, com base fortemente marcada de utopia que não se pode alcançar. No entanto, a sua direção é clara: almeja reunir o que há de mais diverso num mesmo contexto. É o que se compreende quando o eu-lírico fala de reunião de plantas de todas as cores e de animais com habitats distintos, inclusive com épocas distintas.

Nas estrofes seguintes, é possível observar mais uma marca do Ideal na obra de Antônio Francisco. Desta vez trabalhando apenas com gestos simples de gentileza, de compaixão, uma abordagem meramente comportamental, relegando um pouco o rigor utópico pelas possibilidades reais de acontecer:

Logo mais vi uma cena  
 Que tocou meu coração:  
 Três crianças dentro d'água  
 Desenganchando um salmão  
 Que tinha ficado preso  
 Nas pedras do ribeirão.

Tiraram o peixe pra fora,  
 Cada qual o mais contente.  
 Um deles passou a mão  
 No peixe suavemente  
 E depois o colocaram  
 Dentro d'água novamente.

O mesmo irá ocorrer em outras passagens do Poema, como, por exemplo, quando o eu lírico encontra um habitante local que o guia pelas ruas da cidade. Durante a andança, nota-se mais uma marca do Ideal, que, agora, vai além de meros gestos de gentileza. Vejamos:

Quando chegamos na praça,  
 Eu parei, passei a mão  
 Numa estátua de ouro  
 Parecida com Sansão,  
 Só que, em vez de uma queixada,  
 Era uma enxada na mão.

Eu perguntei para o homem:  
 -É de parlamentar?  
 Ele me respondeu  
 Com um sorriso no olhar:  
 -É de um agricultor,  
 O nosso herói popular."

Observa-se uma crítica social no fragmento supratranscrito e de exaltação das camadas populares. Isso porque os holofotes do planeta sonhado pelo sujeito-lírico se desfoca das classes abastadas e recai sobre o trabalhador comum, inferindo-se ser o desejo do eu-lírico a ser aplicado à realidade que o envolve.

E reitera:

Perguntei: - Aquela outra?  
 A que está de frente erguida,  
 A do pedestal de bronze  
 Elegante e bem vestida?  
 Respondeu: - "Foi quem criou  
 A matemática da vida.

Pois tirou multiplicar,  
 Somar e subtrair...  
 Deixou nossa matemática  
 Apenas com dividir,  
 Ensinando ao cidadão  
 Aprender a repartir.

O poema ganha nessas duas estrofes mais uma substância moral que visa corrigir falhas no comportamento humano. Devido à competitividade entre os indivíduos no âmbito do mundo real, competitividade essa que já começa na educação básica, passa à faculdade e se intensifica no mercado de trabalho, o eu-lírico enxerga uma matemática que retira operações básicas como somar e multiplicar, mas, sobretudo, preserva a divisão. E, assim, o foco recai sob um modo de conduta fraterno, solidário, altruísta. O que possibilita um entendimento crítico sobre a crise ambiental e suas consequências sobre as vidas humana e não humana.

Já aqui neste planeta  
 O agricultor tem nome.  
 No planeta onde moro  
 Esse pobre passa fome...  
 Lavra a terra, planta, colhe  
 E muitas vezes nem come.

A crítica social reendossa o poema com a estrofe 31<sup>a</sup>, solidificando a importância que é dar atenção às camadas populares, representadas no fragmento pela figura do agricultor, para a construção de uma coletividade harmônica entre os indivíduos. O planeta do sonho narrado pelo eu-lírico presta gratidão a quem produz e a quem trabalha, o que, na sua realidade prática, pouco se presencia. Inconformado com isso, o sujeito lírico narrador brada.

Diante do exposto, é possível afirmar que o poema em questão é predominantemente marcado pela discrepância entre a realidade que envolve o sujeito-lírico e o mundo paradisíaco que ele sonhara. Em face dessa diferença, que é enorme, o

poema é encerrado com o despertar e a assertiva no sentido de que é fundamental buscar aproximar cada vez mais o mundo real do sonhado.

É uma obra que fornece elementos motivadores para quem está descontente com o contexto que o envolve. Além disso, mostra lampejos num sentido progressista, distante de qualquer retrocesso conservador que venha a ameaçar a flora, a fauna, longe da insensibilidade que ganha espaço paulatinamente nas condutas humanas, fazendo críticas às estruturas sociais que excluem do seu reconhecimento devido figuras que são, sem hipérbole, forças motrizes da sociedade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura guarda um lugar também importante na educação destes novos tempos, pois, assim como as outras artes o fazem, cada uma à sua maneira, a literatura nos coloca em contato com a condição humana: nossa relação conosco mesmo, com os outros humanos, com os outros seres que habitam a biosfera e, mais que isso, nosso próprio lugar no universo.

Nesse sentido, ao longo deste trabalho, vimos noções gerais de Literatura, da Literatura Popular de Cordel, um breve resumo da biografia de Antônio Francisco e algumas das suas obras literárias; compreendemos um pouco sobre como o cordel foi introduzido no Nordeste e a sua evolução histórica; em seguida, comentamos sobre o papel da Ecocrítica na Literatura, salientando a sua essência que tem como função primordial ponderar acerca da relação entre homem e a natureza. Por fim, reunimos elementos de análise que buscaram extrair do poema o que pode servir de força motivadora para o leitor crítico que não se contentar com o *status quo*.

Compreendemos o quanto o Cordel é vivo na cultura popular. Contrariando decretações desfavoráveis ao longo da sua trajetória, a Literatura de Cordel continua presente no cotidiano do povo, em especial, do povo nordestino. Em “Meu Sonho”, ele, o Cordel, ganha um destaque relevante: serve de fonte de inspiração. Além das suas características fundamentais como divertir o leitor, informá-lo, entretê-lo, nessa obra de Antônio Francisco, ele endossa outra característica: a motivação, levando o leitor, como experiência, a um mundo mágico. O Poema é preponderantemente idealista: descontente com a realidade que o envolve, o eu-lírico se refugia num sono, nesse sono, projeta um mundo melhor, ao despertar, o sujeito-lírico se compromete em aproximar a sua realidade do sonho que tivera. Com efeito, acaba por convidar o leitor para esta empreitada.

E esse paralelo entre o Real e o Ideal, que marca toda a obra em análise, traz reflexões importantes para que o contexto social não se desvincule do seu direcionamento

protecionista em relação ao meio ambiente, englobando a flora e fauna, para que revitalize condutas humanas solidárias e que ressalte a importância de cada indivíduo para o conjunto harmônico da sociedade.

Assim, espera-se que este estudo, embora não sendo um todo acabado, possa contribuir com todos que se interessem pelo estudo do meio ambiente numa atitude de respeito e na busca de cidadania.

"MY DREAM": FROM THE REAL TO THE IDEAL BY THE OPTICS OF ANTÔNIO  
FRANCISCO

**ABSTRACT**

This work brings a reading of the poem "Meu Sonho" by the cordelista Antônio Francisco, tracing parallels between poetry and criticism in the representations of the real and the ideal present in the poem. From this comparative reading, we seek to comprehend the critical poetic function and its implication in the structure of the text. Having as base the assumptions of Ecocritical, the qualitative analysis of the content emphasizes the fact that the imaginary layer gives access to deeper layers of the work in its language condition, through which a context of moral, political and social values is revealed. The theoretical basis of this work is supported by the studies of Garrard (2006), Candido (1972), Diegues Júnior (1975), Fonseca (1995), Costa (2004), Edgar Morin (2007) among others. In synthesis, it is verified the importance of the reflections raised in the poem, in the parallel between the real and the ideal, so that human conduct of solidarity can be revitalized, in the sense of a protectionist orientation towards the environment. Thus, Literature also punctuates its educational condition, enabling us to verify our relationship with ourselves, with other humans, with the other beings that inhabit the biosphere and, more than that, with our own place in the universe.

**Key-words:** Cordel Literature. Ecocritical. Antônio Francisco.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira. "Homem, animal e espaço numa visão ecocrítica, em Graciliano Ramos e Miguel". In: \_\_\_\_\_; AZEVEDO, S. L. M. (Orgs.). **Espaço interdisciplinar: literatura, meio ambiente e relações sociais**. Recife: Baraúna, 2008. p. 125-58.
- CANDIDO, A. **A Literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, 1972.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel. **Literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Olímpica Editora, 1975 (Cadernos de folclore, 2).
- COSTA, G. **Dicionário de poetas cordelistas do Rio Grande do Norte: a memória da literatura de cordel no Rio Grande do Norte**. Natal: Queima Bucha, 2004.
- GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora UNB, 2006.
- GRILLO, Maria Ângela de Faria. **Os Folhetos Nordestinos: Literatura e História**. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364409434\\_ARQUIV\\_O\\_Textocompletoparaenviar.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364409434_ARQUIV_O_Textocompletoparaenviar.pdf)> Acesso em: 18 de Setembro de 2018.
- MELO, Antônio Francisco Teixeira. **Dez Cordéis Num Cordel Só**. Natal. IMEPH. 2006.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 12 ed. São Paulo, SP: Cortez, 2007.
- OLIVEIRA, Maria Leonara; SILVA, Marcelo Nicomedes dos Reis Filho. **Literatura de Cordel: Uma Arte Que Se Expande Através dos Recursos Tecnológicos**. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/edicoes/16/10012014014638.pdf>>. Acesso em: 22 de Setembro de 2018.
- O MOSSOROENSE. **Antônio Francisco diz ser imortalizado mais uma vez**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/omossoroense/280506/conteudo/cotidiano1.htm>> Acesso em: 15 de Setembro de 2018.
- PEREIRA, José Carlos Ribeiro. **Literatura e Natureza: Uma Leitura Sob a Perspectiva Ecocrítica da Poesia de Xexéu**. Guarabira: UEPB. 2014.
- PINTO, Francisco Neto Pereira; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **Contribuição da Ecocrítica ao Ensino de Literatura**. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/808/832>>. Acesso em: 20 de Setembro de 2018.
- SCHOPENHAUER. **Esboço de uma história da doutrina do ideal e do real**. Disponível em: <<http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/01/Esbo%C3%A7o-de-uma->

[Hist%C3%B3ria-da-Doutrina-do-Ideal-e-do-Real.pdf](#)> Acesso em: 14 de Novembro de 2018.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. "Escritura da voz e memória do texto: abordagens atuais da literatura popular brasileira". In: BERND, Zila e MIGOZZI, Jacques (org.). **Fronteiras do literário, Literatura oral e popular Brasil/França**. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1995.

**ANEXO A****MEU SONHO (Antônio Francisco)**

Cansado de ler jornais,  
Fui me deitar descontente.  
Pensando em tudo que li,  
Adormeci lentamente  
E sonhei que eu acordava  
Num planeta diferente.

Era um planeta coberto  
De plantas de todas as cores,  
As lagoas orquestradas  
Por marrecos cantadores  
E as abelhas bailando  
Por entre as pétalas das flores.

Búfalos, zebras, elefantes,  
Ali bem perto pastando...  
Alces, gazelas, girafas,  
Pela relva saltitando  
E na linha do horizonte  
Os dinossauros passando.

Fiquei um tempo pasmado  
Depois saí caminhando,  
Seguindo o curso de um rio  
Com os peixinhos pulando,  
As flores exalando o cheiro  
E a floresta cantando.

Logo mais vi uma cena  
Que tocou meu coração:  
Três crianças dentro d'água  
Desenganchando um salmão  
Que tinha ficado preso  
Nas pedras do ribeirão.

Tiraram o peixe pra fora,  
Cada qual o mais contente.  
Um deles passou a mão  
No peixe suavemente  
E depois o colocaram  
Dentro d'água novamente.

Depois eu parei pra ver,  
Perto de uma pedreira,  
Quatro homens construindo  
De pedra uma cadeira...  
Eu perguntei a um deles:  
Por que não faz de madeira?

Disse: - "Não temos coragem  
De cortar uma árvore bela  
Pra fazer uma cadeira  
Somente pra sentar nela.  
Achamos melhor ficarmos  
Sentados na sombra dela."

Com esta simples resposta,  
Sem querer me envergonhei.  
Pra disfarçar a vergonha,  
Numa pedra eu me sentei.  
-Aonde fica a cidade,  
Por favor?, eu perguntei.

Disseram: - "Siga esta trilha  
Com o nome de Liberdade.  
Logo mais tem uma placa  
Que indica Felicidade...  
Vá por onde a seta indica  
Que chegará na cidade".

Quando eu peguei a estrada,  
Que comecei a andar,  
Sentou-se um pássaro em meu ombro  
E começou a cantar.  
Naquele instante eu senti  
Um cheiro de paz no ar.

Voando na minha frente,  
Ia outro passarinho.  
Ia na frente e voltava  
Cantarolando baixinho  
Como quem dizia: -"Venha!  
Eu lhe ensino o caminho".

Quando eu entrei na cidade,  
Parei em frente a um galpão  
Todo murado de pedra,  
Na frente um grande portão  
Com um letreiro escrito em cima:  
"Hospital do Coração".

Abaixo, do lado esquerdo,  
Tinha um painel estupendo:  
Em cada canto uma lâmpada  
Apagando e ascendendo  
Com o fundo cor de prata  
Com letras gotas dizendo:

"Aqui se encontram internados  
Os que sofrem de ingratidão,  
De egoísmo e inveja,  
Rócio, ódio e ambição,  
Cobiça e outro males  
Que envenenam o coração."

Quando eu olhei para o lado,  
Tinha um senhor me olhando  
Com um sorriso nos lábios  
E o seus olhos brilhando,  
Botou a mão no meu ombro  
E saímos conversando.

Ele dizia baixinho:  
"-Pode ficar à vontade...  
Vamos caminhar comigo  
Pelas ruas da cidade  
E conhecer de pertinho  
A nossa Felicidade."

Eu andava olhando as casas  
Branças de cor de marfim,  
Portas e janelas de vidro  
Com cortinas de cetim,  
Todo quintal uma horta,  
Toda calçada um jardim.

Quando chegamos na praça,  
Eu parei, passei a mão  
Numa estátua de ouro  
Parecida com Sansão,  
Só que, em vez de uma queixada,  
Era uma enxada na mão.

Eu perguntei para o homem:  
-É de parlamentar?  
Ele me respondeu  
Com um sorriso no olhar:  
- É de um agricultor,  
O nosso herói popular.”

Perguntei: - Aquela outra?  
A que está de frente erguida,  
A do pedestal de bronze  
Elegante e bem vestida?  
Respondeu: - “Foi quem criou  
A matemática da vida.

Pois tirou multiplicar,  
Somar e subtrair...  
Deixou nossa matemática  
Apenas com dividir,  
Ensinando ao cidadão  
Aprender a repartir.”

Naquele instante avistei,  
Na sombra de uma mangueira,  
Dois meninos consertando  
Uma velha forrageira  
E outro mais afastado,  
Limpando uma talhadeira

Eu disse:- Perdão, senhor,  
Não quero lhe aborreça  
Mas o que estão fazendo,  
Por favor, posso saber?  
Respondeu: - “Estão brincando  
De brincar de aprender.”

As crianças daqui brincam  
Com paquímetro de aço puro,  
Esquadro, régua, compasso,  
Martelo de ferro duro-  
São brinquedos de infância  
E ganha pão do deus futuro.

Quando saímos da praça,  
Vi num pé de buriti  
Uma linda águia azul  
Ao lado de um bem-te-vi.  
Eu perguntei: - Onde fica  
O zoológico daqui?

Respondeu:- "Não temos jaula  
Nem gaiolas na cidade.  
Aqui animais e pássaros  
Convivem com liberdade,  
Para nós é mais barato  
Criá-los fora da grade".

Eu disse:- No meu planeta,  
Se um pássaro cantar bem,  
Vai morrer por trás das grades  
Sem ter matado ninguém  
E cantar pra seus algozes  
A troco d'água e xerém.

O meu planeta , senhor,  
Do seu é bem diferente.  
No meu, o pai vai ao shopping,  
Leva seu filho inocente,  
Compra armas de brinquedo,  
E dá a ele de presente.

Já aqui neste planeta  
O agricultor tem nome.  
No planeta onde moro  
Esse pobre passa fome...  
Lavra a terra, planta,colhe  
E muitas vezes nem come.

Lá, a gente mata um alce,  
Tira as vísceras do coitado,  
Depois enche ele de pano,  
Deixa o alce empalhado  
Para mostrar no futuro  
O que tínhamos no passado.

Infeliz do jacaré  
Que o bicho homem vê ele  
Porque, além de matá-lo  
E comer a carne dele,  
Faz um sapato de couro  
Pra ficar pisando nele.

As águas dos nosso mares  
De sujas mudam de cor...  
Ele disse: -"Espere, pare,  
Não fala mais, por favor!...  
Me diga somente o nome  
Do planeta do senhor."

Eu disse: -Sou de um planeta  
Que só vive em pé de guerra,  
Onde fabricam doenças,  
Onde a justiça mais erra...  
Uma gaiola de loucos  
Com o nome 'Planeta Terra'.

O olhos daquele homem  
Aumentaram sua luz  
E perguntou: -"É verdade  
Que lá fizeram uma cruz  
Pra crucificar um santo  
Conhecido por Jesus?"

Fui responder: - É verdade,  
Nós matamos nosso Rei.  
Fui falar,abri a boca,  
Faltou voz, eu não falei,  
Quis correr, não tive forças.  
Faltou fôlego, me acordei.

Acordei para chorar  
Debruçado no meu leito.  
Daquele sonho pra cá,  
Nunca mais dormi direito.  
Ora tentando esquecer,  
Ora pensando em fazer  
O mundo daquele jeito